



MEMÓRIAS POÉTICAS

FABIO GOMES

Fabio Gomes

Memórias Poéticas

Maceió
2021

Capa: Bianca Levy
Foto da capa: Fabio Gomes

Modelo da foto da página 4:
Emile Brown Abdon
(foto: Fabio Gomes)

Foto do autor (página 69): Prsni Nascimento

ISBN desta edição:
978-65-00-25724-3

Dedico este livro a minha mãe, Glaci Oliveira (*in memoriam*), pelo apoio irrestrito que sempre dela recebi.



TRAJETÓRIA

Comecei como poeta de livro

Depois fui:

- poeta de jornal
- poeta de rádio

Agora, não me leve a mal
Sou poeta digital

(confirmado pela minha
modelo oficial)

Maceió, 23.11.19

INTRODUÇÃO

Em fevereiro de 2020, publiquei em capítulos no Facebook, ao longo de doze dias, minhas *Memórias Poéticas*. A narrativa ia de 1977 a 1994, contando desde o primeiro contato de que me recordo com a Poesia até o começo da divulgação de meus versos em livro, jornal e rádio.

Nunca me considerei especialmente poeta, mesmo fazendo poemas há mais de 30 anos, porque, na minha cabeça, sendo um escritor tenho o potencial de me dedicar a todas as formas de Literatura – ainda mais depois de saber que Gabriel García Márquez considerava o Jornalismo um gênero literário. Contribuía para isso também o peso que a palavra “poeta” tem para alguém que, como eu, leu as obras poéticas completas de autores como Ferreira Gullar, Manoel de Barros, Manuel Bandeira, Paulo Leminski e Vinicius de Moraes.

Por isso, creio, foi libertador conhecer no ano retrasado o termo “poeta digital”, que traduz à perfeição o que penso sobre meu fazer poético de hoje em dia – e, em última análise, sobre minha escrita neste milênio, pois há mais de 25 anos não me dedico a nenhum outro gênero literário (afora, é claro, o Jornalismo, para ficarmos de acordo com García Márquez. Evite contrariar um Prêmio Nobel). Me

defini como “poeta digital” pela primeira vez em “Trajetória”, que abre este livro. No último verso do poema faço referência à amapaense Emile Brown Abdon, minha modelo oficial da Região Norte.

O texto que você lerá em seguida não é o publicado no Facebook, e sim uma nova redação, mais rica em detalhes e estendendo a narrativa até hoje (quase literalmente). Curiosamente, mesmo a Poesia não sendo o centro da minha atuação literária até 2009, as lembranças a respeito dos poemas, inclusive os perdidos, são sempre mais nítidas do que as relativas aos demais textos. Quem explica?

O livro traz ainda na íntegra todos os meus poemas citados ao longo destas *Memórias* e cujo texto consegui localizar – três deles jamais haviam sido publicados em livro.

Boa leitura!

Fabio Gomes
Maceió, junho de 2021

Memórias Poéticas

1

Tinha eu 6 anos de idade quando a Escola me apresentou à Poesia.

Livros nunca faltaram em nossa casa – neste “nós” estão incluídos minha mãe, minha avó materna e eu. Da minha avó, Gilda, não tenho lembrança alguma, já que ela faleceu em 1973, com apenas 59 anos (o que na época era considerado uma idade avançada), quando eu recém fizera 2 e ainda morávamos em Porto Alegre. Minha mãe, Glaci Oliveira, trabalhava em dois empregos: de dia era secretária executiva em uma indústria e à noite lecionava Inglês em escola de idiomas.

Sem dúvida alguma herdei de minha mãe o gosto pela leitura. Sua biblioteca particular era bem variada, com diversos livros sobre História mundial, algo de Biologia e de Economia e muito sobre História do Brasil, em especial relacionada com o período da escravidão. Recordo de *Rebeliões da senzala: quilombos, insurreições, guerrilhas*, de Clóvis Moura, e *Palmares, a Guerra dos Escravos*, de Décio Freitas, que conheci pessoalmente, pois era amigo de minha mãe e chegou a advogar para ela. Na área de Literatura Brasileira, o grande destaque era uma coleção lançada pela Livraria Martins Editora com tudo o que Jorge Amado escrevera até então (de O

País do Carnaval a Tenda dos Milagres); eram volumes com capa dura, nas cores vermelha e branca. De literatura estrangeira, lembro de *O Profeta*, de Gibran Khalil Gibran.

Livros mesmo de poemas não me recordo de termos nessa época. Havia, sim, ao menos uma obra de autor identificado com a Poesia: o romance *Um Besouro na Vidraça*, de J. G. de Araújo Jorge. A Poesia também se fazia presente, de alguma forma, em textos teatrais. Na já citada coleção de Jorge Amado, se encontrava a peça *O Amor do Soldado*, cujo protagonista era Castro Alves. E tínhamos uma boa seção de William Shakespeare, com peças como *Muito Barulho para Nada*, *Hamlet*, *Como Gostais* e a tradução em versos de *Macbeth* feita por Manuel Bandeira.

Quando já morávamos em Bento Gonçalves, minha mãe nos associou ao Círculo do Livro, o que foi fundamental para a contínua expansão da nossa biblioteca, já que a cidade nesse tempo praticamente não tinha livrarias. O que havia eram papelarias com uma pequena seção de livros; cheguei a trabalhar em uma delas, ao final da década de 1980.

Para quem não sabe, ou não lembra, o Círculo do Livro tinha uma proposta que lembra muito os atuais clubes de leitura. A diferença é que você escolhia os livros que queria comprar, a partir da revista que era enviada trimestralmente com todo o catálogo da

editora. Trabalhando desta forma, o Círculo fazia o que hoje é conhecido como impressão sob demanda, reduzindo assim muito os seus custos, pois só imprimia o que estava encomendado.

Foi através do Círculo que recebemos em casa livros infantis como *O Urso com Música na Barriga*, de Erico Verissimo, e *Pluft, o Fantasminha*, de Maria Clara Machado, além dos que minha mãe comprava para si, como *Millôr no Pasquim*, de Millôr Fernandes, que li mais tarde.

A citada mudança para Bento Gonçalves aconteceu em fevereiro de 1976. Minha mãe recebera uma oferta de trabalho irrecusável: iria ganhar o triplo do que recebia como secretária em Porto Alegre para exercer o mesmo cargo numa empresa vinícola. E poderia seguir lecionando Inglês à noite em escolas de idiomas da nossa nova cidade, situada a 120 quilômetros da capital gaúcha.

Lembro que um dia, por volta dos 6 anos, estava manuseando um livro que reunia tiras de quadrinhos do *Cebolinha*, de Maurício de Sousa, saídas em jornal, e consegui juntar as sílabas, formando palavras das quais consegui entender o sentido. Enfim alfabetizado! Não há palavras para descrever esta sensação.

Chegamos então ao momento do meu encontro com a Poesia. Corria o ano de 1977 e eu estava no antigo pré-primário (que hoje corresponde ao 1º ano do Ensino Fundamental) no Colégio Nossa Senhora Aparecida (atualmente, Colégio Marista Aparecida). Haveria alguma apresentação aos pais, talvez a tradicional de final de ano. Recebi a incumbência de decorar “O Pato”, de Vinicius de Moraes; a professora Marilene me recomendou expressamente para não esquecer. Fui obediente e de fato não esqueci, até hoje este é um dos pouquíssimos poemas alheios que sei de cor.

Não lembro exatamente como foi o evento, nem como fiz para decorar. Recordo apenas da pergunta que fiz à professora: quem seria “o moço” do qual Vinicius fala ao final (“Tantas fez o moço/ Que foi pra panela.”)? Não associei “pato” com “moço” – afinal, na minha cabeça de 6 anos, *moço* só poderia ser uma pessoa!

2

Depois de me apresentar à Poesia, coube à Escola também ser a responsável por me fazer escrever meus primeiros versos.

O fato aconteceu na época da Páscoa, creio que em 1980, quando estava na 3ª série do Colégio Aparecida, sendo novamente aluno da professora Marilene. O ano letivo no Rio Grande do Sul tinha início em março, então terá sido logo nas primeiras semanas de aula que recebemos como tarefa redigir quadrinhas falando da Páscoa, que naquele ano foi comemorada em 6 de abril. Cada aluno deveria escrever seus versos em uma folha mimeografada de papel ofício ilustrada com a figura do Coelho da Páscoa.

Havíamos voltado a ser três lá em casa, pois fora morar conosco meu padrasto, o artista plástico Anastácio Orlikowski. Lembro de ter lhe mostrado, imagino que com entusiasmo, minhas quadrinhas pascais. Ele leu a primeira e me disse que não rimava. Respondi que rimava sim, o primeiro verso com o terceiro. Só mais tarde vim a saber que, quando você escreve uma quadrinha, o esperado é que o segundo verso rime com o quarto, sendo indiferente se os outros rimam. Até onde recordo, a professora não fez nenhuma observação nesse sentido.

É bem significativo que eu tenha iniciado na Poesia em 1980, pois foi neste ano também que comecei a usar óculos e, incentivado por meu padrasto, fotografei pela primeira vez. Óculos, Poesia e Fotografia: os três me acompanham até hoje, as duas últimas praticamente me definem.

Outra forte lembrança deste período foi ter recebido de presente de minha mãe o *Tesouro da Juventude*, uma coleção de 18 volumes que pode ser definida como uma espécie de enciclopédia. Mas, ao contrário da maioria das outras enciclopédias, o *Tesouro da Juventude* não tinha verbetes em ordem alfabética; trazia seus conteúdos organizados por seções, às quais chamava “Livros”: encontrávamos ali biografias de homens e mulheres célebres, noções sobre Ciências, curiosidades, episódios da História do Brasil e de muitos outros países. No campo da Literatura, o *Tesouro* reunia contos completos, romances resumidos e uma seção intitulada “O Livro da Poesia”, com uma seleta dos principais autores do Brasil e do mundo.

A Poesia enfim se fazia presente em nosso lar.

3

As quadrinhas que escrevi sobre a Páscoa marcaram minha estreia na Poesia mas não foram minha primeira manifestação artística.

Desde pequeno, ainda sem saber ler, eu já desenhava. Mostrava o desenho à minha mãe ou às visitas e contava a história que em minha cabeça estava associada àquele desenho (ao menos foi o que minha mãe me contou tempos depois). Comecei a fazer histórias em quadrinhos a partir dos 7 anos.

Já em 1984, passei a escrever textos – ou, como sempre preferi chamar, “histórias”. Algumas poderiam ser consideradas crônicas, a maior parte eram contos. Neste mesmo ano, tive a primeira experiência com escrita teatral.

Nossa turma da 7^a série da Escola Estadual General Bento Gonçalves da Silva (atualmente, Escola Estadual de Ensino Fundamental General Bento Gonçalves da Silva) estava preparando a tradicional apresentação de final de ano aos pais; fui escolhido para escrever a peça a ser encenada. Usei como inspiração para meu texto o clássico *Escola de Mulheres*, do francês Molière, que eu havia lido na tradução de Millôr Fernandes.

Até onde lembro, a turma começou a ensaiar o texto, que intitulei *O Galã*, no auditório da escola, mas não chegou a apresentá-lo no grande dia. E isso possivelmente aconteceu porque, devido à minha nenhuma experiência no assunto, acabei fazendo um texto muito longo, que se levado integralmente ao palco excederia o tempo que a turma teria disponível para se apresentar.

Ficou então para o ano seguinte, mais exatamente para abril de 1985, a primeira encenação de um texto meu. Foi em sala de aula, e não no auditório da escola (o que teria sido mais glamouroso, convenhamos), a apresentação pelos colegas da 8ª série do esquete “Quebra-quebra na Assembleia”, incluído no mesmo ano em meu livro de estreia, *Zás-Trás-Puf*.

A obra, cuja capa foi feita por Orlikowski, reúne textos que escrevi entre fevereiro de 1984 e julho de 1985. Incluí várias histórias (duas delas já publicadas na imprensa) e algumas “composições”, como se chamavam à época os textos que escrevíamos para avaliação nas aulas de Português, atualmente denominados de produção textual ou redação.

Editado ao final do primeiro semestre e lançado de forma independente em setembro, *Zás-Trás-Puf* não tem nenhum poema. Não tem mas poderia ter, pois nessa época eu já havia escrito versos sem serem tarefa de aula.

4

Se meus primeiros poemas foram escritos para um trabalho de Escola, os versos seguintes já foram criados espontaneamente, porém ainda no ambiente escolar. Explico.

De 1984 a 1988 – ou seja, entre a 7^a série do 1^o grau e o 3^o ano do 2^o grau –, eu fazia o jornal da sala de aula. Era um exemplar único, escrito à mão, circulando diariamente entre os colegas de sala, além de ser lido por algumas professoras. Geralmente tinha 8 ou 12 páginas, pois era escrito em folhas de caderno pequeno (A5, ou seja, o tamanho aproximado deste livro). Quando surgiu, em meados de 1984, o jornal tinha o nome de *O Mensageiro*. Mas, possivelmente nas férias do verão seguinte, vim a saber da existência do jornal italiano *Il Messaggero*; decidi então que, a partir da volta às aulas em 1985, meu jornal passaria a se chamar *O Arauto*.

Aproximadamente metade das páginas era de texto, noticiando os principais fatos da sala de aula e da escola, além de sátiras com fatos em evidência no noticiário político e econômico nacional (além de, raras vezes, internacional) e eventuais entrevistas (fictícias) com celebridades do momento. O noticiário nacional também se fazia presente na outra parte do jornal, dedicada a charges, cartuns e quadrinhos.

Vivíamos um período muito movimentado na história do Brasil (fim da ditadura militar, eleição e morte de Tancredo Neves, posse de José Sarney como presidente, Plano Cruzado, eleição da Assembleia Nacional Constituinte) e também do mundo (momentos finais da Guerra Fria).

A partir de meados de 1986, a última página d'O *Arauto* era em branco, para que os colegas-leitores nela pudessem escrever (era o “Espaço Alberto”, fazendo um trocadilho com o nome de um famoso programa da Rádio Guaíba, de Porto Alegre, o *Espaço Aberto*). Essa página em branco é algo absolutamente sem similar no jornalismo impresso, seja na época ou mesmo hoje: ainda que um jornal de grande circulação deixasse parte de sua edição em branco, o que um leitor ali escrevesse não teria como ser lido de imediato por mais ninguém. Por isso considero que o melhor paralelo com o “Espaço Alberto” são as atuais áreas de comentários de sites ou de publicações em redes sociais.

Cursei o 2º grau na Escola Estadual Padre Landell de Moura (hoje Colégio Estadual Landell de Moura). Foi n'O *Arauto* já nessa “fase Landell” que fiz minha primeira tentativa de haicai, certamente inspirada em Millôr Fernandes, que dedicou um livro inteiro a esta forma poética (*Hai-Kais*, de 1968). E por que digo “tentativa”?

Na produção poética que considero mais representativa da minha obra (a feita a partir de 2009), há uma vasta predominância de tercetos – ou seja, uma estrofe com três versos. Os mais antigos tercetos que localizei são de 2010. Muita gente que lê e me dá a honra de comentar o que escrevo costuma chamar estes tercetos de “haicais”. Considero, porém, o haicai um tipo muito específico de poema, com estrutura e forma muito particulares, que não tenho a intenção nem a pretensão de alcançar.

Mas enfim, isso é o que penso em 2020, certamente não era o que pensava quando fiz a já citada tentativa, em 1986, ou talvez em 1988. Só sei que não foi em 1987, pois neste ano *O Arauto* circulou apenas um dia, em março, bem na abertura do ano letivo; uma professora se manifestou contrária ao espírito satírico do jornal e considerei melhor deixá-lo repousando em busca de um momento mais propício.

Na hipótese de a tentativa de haicai ser de 1986, ela seria então o meu primeiro poema escrito espontaneamente. Mas, ainda assim, não foi o primeiro texto que escrevi em versos. “Como assim?”, você poderá perguntar. E só me caberá responder: “Voltemos a 1985”.

Já nos primeiros dias de aula daquele ano, a existência d’*O Arauto* chegou ao conhecimento da direção da Escola General Bento Gonçalves. Sei que

essa frase pode soar como prenúncio de algo não muito bom, uma advertência talvez, dado o espírito satírico do jornal (acabamos de ver como essa qualidade não foi bem acolhida no Landell em 1987). Só que na verdade aconteceu algo extremamente positivo: a diretora resolveu estender a circulação d’*O Arauto* para toda a escola, mimeografado, com periodicidade mensal, editado por mim e supervisionado pela direção (ou seja, bem menos satírico). Creio que tenham sido rodadas duas edições, ainda no primeiro semestre.

Para não deixar meus colegas da 8ª série órfãos da leitura a que já estavam habituados no dia-a-dia, resolvi criar *O Arauto Diário*, mantendo exatamente as características que haviam consagrado *O Mensageiro* e *O Arauto* antes da “oficialização”: edição manuscrita em exemplar único, com textos e charges satíricos.

Foi n’*O Arauto Diário* que escrevi os primeiros versos de cuja data tenho certeza. Não era um poema, e sim uma paródia do “Hino da Independência” (Dom Pedro I – Evaristo da Veiga). Com essa paródia saudei o fato de o Congresso Nacional ter aprovado a criação do banco Meridional como sucessor do Sulbrasileiro e da Habitasul, que haviam sofrido intervenção do governo federal. A questão era muito comentada naqueles dias no Rio Grande do Sul, sede dos três bancos citados, e mais ainda em nossa sala, onde

tínhamos como colegas dois filhos do gerente local do Sulbrasileiro.

Com certeza estes versos saíram n’*O Arauto Diário* de 10 de maio de 1985, uma sexta, pois a aprovação acontecera em Brasília na véspera. Não haveria como a publicação ter sido na semana seguinte, pois no mesmo dia 10 foi realizada uma assembleia em Porto Alegre na qual os professores estaduais votaram pela paralisação das atividades letivas já a partir do dia 13, segunda-feira; a greve durou 60 dias.

Talvez tenha havido outros versos no próprio *Arauto*, em especial na “fase Landell”, mas até onde lembro são esses dois textos – a paródia de 1985 e a tentativa de haicai de 1986 (ou 1988?) – “meus elos perdidos poéticos” dos anos 1980.

5

No primeiro semestre de 1987, tentei publicar o segundo livro, mas o projeto não foi adiante por falta de patrocínio e questões burocráticas. Vou falar então um pouco sobre como era o processo para um menor de idade editar de forma independente o seu livro no interior do Rio Grande do Sul nos anos 1980.

Em 1985, não existia nenhum mecanismo governamental de apoio à criação e difusão artística no Brasil. Então fiz o que todo mundo na época fazia: com o texto do livro pronto, procurei uma gráfica e solicitei um orçamento. Optei por encomendar a quantidade mínima (500 exemplares) e comecei a contatar grandes empresas da cidade e também a Prefeitura Municipal de Bento Gonçalves, que apoiou meu livro através da Secretaria Municipal da Educação.

Já dois anos depois, imaginei poder contar com a Lei Sarney, como ficou conhecida a primeira lei de incentivo à cultura em nosso país, promulgada em 1986. Pela lei, as empresas poderiam abater 10% do Imposto de Renda devido, destinando os recursos a projetos culturais. Mas não consegui editar meu livro desta forma.

Busquei informações nos órgãos municipais de Cultura de Bento Gonçalves sobre como poderia enquadrar meu livro na Lei e fui informado que, além das pessoas físicas e pessoas jurídicas, a Lei Sarney instituíra no Brasil uma nova categoria: as *peças culturais*. Você só poderia receber recursos incentivados se fosse uma pessoa cultural, ou seja, inscrita no CPC (Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas de Natureza Cultural). Como o nome indica, o cadastro se destinava originalmente às empresas que iriam patrocinar os projetos culturais. Uma portaria de 1987 que regulamentou a Lei Sarney equiparou às pessoas jurídicas as pessoas físicas que explorassem atividades econômicas de caráter cultural, com fins lucrativos. Porém minha inclusão no CPC só seria possível após completar 18 anos (eu estava com 15) ou se me emancipasse.

Chegando em casa, relatei à minha mãe o resultado da reunião e vimos que atender às exigências legais era completamente inviável. Ela me explicou que, para ser considerado emancipado, eu deveria comparecer perante um juiz e comprovar que tinha plenas condições de me sustentar sem o auxílio dela e de meu padrasto. Mas obviamente era impossível me manter somente com o meio salário mínimo que recebia como auxiliar de escritório numa empresa de contabilidade, onde trabalhava à tarde desde o ano anterior.

Além disso, minha mãe e eu concluimos que não fazia o menor sentido se exigir de um menor de idade que se emancipe para obter carta de recomendação de órgão governamental a fim de buscar um patrocínio cultural sem garantia alguma de consegui-lo. Descartamos então esta hipótese e chegamos a orçar a impressão em gráficas de Caxias do Sul e de Porto Alegre, tentando viabilizar o segundo livro da mesma forma que o primeiro, com patrocínio direto de empresas de Bento Gonçalves – sem sucesso desta vez, porém.

6

O meu poema mais antigo a sobreviver, “Tá Chovendo Lá Fora”, foi escrito em 12 de julho de 1987, mais ou menos na época dessa tentativa de lançamento do segundo livro.

Me acostumei a datar os textos ao seguir a recomendação que encontrei no livro *Conversações com Goethe nos últimos anos de sua vida, 1823-1832*, de Johann Peter Eckermann, que fazia parte da biblioteca do meu padrasto. A ideia por trás deste conselho do escritor alemão Johann Wolfgang von Goethe era permitir que o escritor pudesse futuramente refletir sobre sua própria evolução. Para mim tem servido também para estabelecer (mesmo que aproximadamente) a data de publicação em jornal, quando houve.

Não lembro exatamente em que circunstâncias escrevi “Tá Chovendo Lá Fora”, que é um diálogo rimado de um casal em vias de separação – um poema dramático, digamos. Ou seria um esquete em versos? Isto me passou pela cabeça quando o reli para incluí-lo neste livro, mas é uma hipótese que levanto e descarto imediatamente, pois “Tá Chovendo...” não tem os elementos que sempre usei nos textos pensados para o palco: relação dos personagens, descrição dos cenários, rubricas nas falas, indicação

da época em que transcorre a ação... Tudo isto, por exemplo, estava em “Brilhantina”, esquete escrito para ser encenado por meus colegas do 2º ano em outubro de 1987 no auditório da Escola Landell de Moura (o mesmo auditório onde recebêramos, no ano anterior, a visita do escritor Ignácio de Loyola Brandão).

Quando “Tá Chovendo Lá Fora” saiu em livro em 1990, minha professora de Inglês comentou que o título lhe lembrava o linguajar da música gauchesca, que é como chamamos parte da produção musical regionalista que exalta o amor pelo Rio Grande do Sul, a vida no campo e os costumes tradicionais, com versos geralmente simples. Outra vertente de exaltação gaúcha é a música nativista, estilo com vocabulário mais rebuscado e que surgiu com a popularização de festivais como a Califórnia da Canção Nativa, de Uruguaiana, a partir de 1971. Mas o texto não tem relação alguma com o estilo de letra da música gauchesca (muito menos com o da nativista, afora, talvez, o uso gramaticalmente correto do pronome “tu”), e com certeza não parti de nenhuma referência musical gaúcha. É fato que o título, repetido no primeiro verso, lembra o refrão de “Gaúcho Amigo”, de Teixeira, que ele lançou no LP *20 Anos de Glória* (1979) – “Tá garoando lá fora/ Boleia a perna, gaúcho...”. Já a colocação de parte da fala final do personagem João entre parênteses

remete, e aí sim de modo intencional, aos sambas de breque interpretados por Moreira da Silva.

TÁ CHOVENDO LÁ FORA

Maria – João, tá chovendo lá fora,
Acho que vou ficar.
Eu ia embora,
Mas resolvi reconsiderar.
Não vai ser agora
Que vou te abandonar.
Não ficas feliz, querido?

João – Maria, tu tens que me deixar.
Com chuva ou sem chuva,
Já devias ter ido.
Se ficares, estou perdido.
Não penses que pra tua saúde não ligo,
Pois continuo sendo teu amigo;
Se achas que a gripe vai te pegar,
Te deixo uns limões levar,
Mas não podes ficar.
Mover-te, até, ação de despejo
Seria meu desejo,
Mas não posso, menina:
Não eras minha inquilina
E sim minha concubina.

Maria – Não tens nem um guarda-chuva pra tua
Maria]
E queres expô-la a uma pneumonia!

Já me dilaceraste o coração, João,
Quererás agora fazer o mesmo com o pulmão?

João – Se achas triste tua situação,
Vê a minha, então,
Se não sou também um coitado
(Queria isso te ocultar,
Mas agora devo confessar):
Ficou tudo acertado
Para, no dia em que tu ias sair,
A vizinha comigo vir dormir.
E, se vais aqui pernoitar,
Eu não quero nem ver o bode que vai dar!

12 de julho de 1987

7

Pensando bem, de certa forma foi até bom não ter conseguido publicar um novo livro em 1987. Isso porque a maior parte dos exemplares do *Zás-Trás-Puf* ainda estava empilhada dentro de um armário no meu quarto. O motivo disso é fácil entender: quando o livro saiu, eu tinha apenas 14 anos e ninguém da minha família jamais lidara com edição e venda de livros. De modo que, após algumas sessões de autógrafos – na Escola General Bento Gonçalves, na biblioteca pública Castro Alves e nas duas primeiras edições da Feira Municipal do Livro de Bento Gonçalves, em 1985 e 1986 –, nós não sabíamos o que fazer com as centenas de exemplares que haviam sobrado.

No segundo semestre de 1989, porém, o quadro era totalmente outro. Eu concluíra o 2º grau (atualmente, Ensino Médio) no ano anterior e acabava de completar 18 anos. Pouco antes havia me desligado do emprego de balconista em uma papelaria para me dedicar aos estudos para o vestibular. Tinha então mais liberdade de circulação, mais experiência e principalmente tempo livre, além de morar numa cidade onde conhecia muita gente.

Acertei então com as escolas a realização de sessões de autógrafos, algumas das quais acompanhadas de

bate-papo com turmas de estudantes. Também agendei novo lançamento na biblioteca pública Castro Alves e visitei as redações de jornal para divulgar todas estas ações.

Numa dessas visitas, fui convidado a ser colaborador da *Gazeta Em Dia* (atualmente, apenas *Gazeta*). Isto deve ter acontecido em fins de outubro, pois meu primeiro texto para o jornal – “Batman contra a Inflação” – satirizava o filme *Batman*, dirigido por Tim Burton, que estreou no Brasil no dia 26 daquele mês. Na época a *Gazeta* circulava às sextas, de modo que a publicação possivelmente aconteceu em 4 de novembro, inaugurando a coluna “Papos e Histórias – Fabio Gomes”, meu primeiro espaço fixo em jornal (e o único com título junto ao meu nome).

Não era minha estreia na imprensa, porém. Em março de 1985, minha mãe juntara algumas histórias datilografadas e percorrera as redações de todos os jornais da cidade. Encontrou boa receptividade no *Laconicus*, do poeta e jornalista Ademir Antonio Bacca, que gostou muito do conto “O Dias”, escrito dois meses antes. Apresentado como “o maior otimista do Brasil”, Dias interagiu com o presidente João Figueiredo, o ministro do Planejamento, Delfim Netto, e outros governantes daquele período final da ditadura militar. Por este motivo, Bacca programou a publicação do texto para a edição de 15 de março, o dia em que, se tudo tivesse ocorrido conforme o

previsto, Figueiredo daria posse ao presidente eleito Tancredo Neves (Tancredo não era mencionado no conto, escrito dias antes de sua eleição).

Ainda publiquei no *Laconicus* a segunda e última aventura do Dias, também em 1985 – foram estes os textos não inéditos a sair no *Zás-Trás-Puf*. No ano seguinte Bacca lançou o suplemento literário “Garatuja”, com o qual colaborei com outros dois textos. Depois disto não tive mais nada publicado até receber o convite da *Gazeta*.

Agora com espaço regular na imprensa, adotei uma rotina de escrever todo domingo, já que na segunda-feira deveria entregar na redação o texto, para que ele pudesse ser diagramado a tempo de ser incluído na edição da sexta. Na época, toda essa preparação era manual, a informatização recém começava a chegar às redações dos jornais de Porto Alegre e era um sonho distante no interior do Rio Grande do Sul.

Esta nova rotina teve algumas alterações eventuais. Por exemplo, em 24 de dezembro de 1989 escrevi não um, mas sim dois textos para a *Gazeta*. Já não recordo se a pedido do jornal, para adiantar os prazos de rodar as edições da virada de ano, ou se bateu uma inspiração mesmo e a coisa apenas aconteceu.

O primeiro texto era uma crônica, “Papo de Fim de Ano”, publicada em 29 de dezembro. E o segundo era

o poema “Prospectiva 1990”, que saiu em 5 de janeiro de 1990. Como os versos que escrevi para os jornais escolares (manuscritos, não esqueçamos) só foram lidos por meus colegas e os poemas de 1987 (um deles, o já citado “Tá Chovendo Lá Fora”) ainda estavam inéditos, “Prospectiva 1990” foi minha primeira poesia publicada.

Nesse poema, brinquei com as famosas retrospectivas do ano que jornais e TVs sempre fazem, e que já então me pareciam totalmente sem sentido. A premissa era buscar, com muito bom humor, prever como seria o ano seguinte, mesmo com as evidentes dificuldades inerentes à tarefa – o que me levou a dizer quase ao final: *Na verdade isso não está sendo uma prospectiva de 90/ Mas bem que a gente tenta.* Eliana, Vânia e Elis, citadas no penúltimo verso, eram colegas de redação na *Gazeta*.

Uma observação: errei a divisão silábica de “sensacional”. O correto é “sen-sa-ci-o-nal” (mantive como estava). Grafar a palavra desta forma remetia ao modo como a cantora Carmen Costa a interpretava na gravação da “Marcha do Cordão da Bola Preta” (Vicente Paiva – Nelson Barbosa), um dos maiores sucessos do carnaval de 1962.

PROSPECTIVA 1990

Já faz parte dos costumes tradicionais
No final de ano, revistas e jornais
Apresentarem sua retrospectiva.
Tentando ser originais,
Faremos uma prospectiva,
Tentando antecipar fatos
Para não sermos pegos de surpresa como patos.
Amarre do sapato o seu cadarço
O ano só começa pra valer em 15 de março
(Não há relação entre os dois versos acima,
Mas pelo menos rima).
Em janeiro e fevereiro, como sempre ocorre,
Aquele calor que a gente quase morre.
As famílias indo pra praia,
Vê-se por aí muita minissaia,
Nada original.
É só no fim de fevereiro o carnaval,
Sen-sa-cio-nal.
Depois do carnaval assume novo presidente,
Que esperamos lembre da gente,
Melhore o poder aquisitivo - atualmente negativo-
De modo que, em abril,
A inflação baixe de mil.
Não será o índice que tu queres e eu quero - zero-
Mas um pouco diminuindo já estaremos sorrindo.
Sei que isso não é de interesse nacional,
Mas bem que em 90 poderia vir

Um título para o Internacional.
Mas em junho queremos mesmo, no fundo,
Que o Brasil seja campeão do Mundo.
Na verdade isso não está sendo uma prospectiva de
90
Mas bem que a gente tenta.
Se soubéssemos jogar os búzios,
Talvez estivéssemos menos confúzios.
O que queremos – eu, a Eliana, a Vânia e a Elis –
É que em 1990 você seja muito feliz.

24 de dezembro de 1989

8

A coluna “Papos e Histórias” saiu na *Gazeta Em Dia* até março de 1990. Ali tive minha primeira charge publicada, além de pelo menos outros dois poemas.

O primeiro foi “Zico”, uma homenagem a um dos maiores ídolos que o futebol brasileiro já produziu. Zico anunciara o encerramento da carreira após a goleada de 5 x 0 do Flamengo sobre o Fluminense num jogo disputado na cidade mineira de Juiz de Fora em 2 de dezembro de 1989. No ano seguinte, voltaria a jogar pelo Kashima Antlers, do Japão, só pendurando definitivamente as chuteiras em 1994. Possivelmente “Zico”, o poema, tenha saído no jornal em janeiro de 1990.

Já o outro, intitulado “Carnaval”, acabou marcando também minha despedida da *Gazeta*. O texto foi entregue a tempo de sair na edição de 2 de março, que trouxe toda a cobertura do Carnaval de Bento Gonçalves, porém só veio a ser publicado já um tanto distante da folia: saiu na edição do dia 9 ou na de 16 de março (já não recordo bem ao certo), enquanto a Terça-Feira de Carnaval daquele ano fora em 27 de fevereiro. Esses adiamentos vinham acontecendo com uma certa frequência; optei então por encerrar a colaboração com o jornal, até por já estar trabalhando na edição do meu segundo livro, *A Garota no Bar*.

Não tenho mais “Carnaval” na íntegra. Era um texto em duas partes: a primeira falando dos tempos atuais e a segunda evocando os antigos carnavais de Veneza. A publicação no jornal foi com o texto integral, porém na única antologia de que participei só saiu a segunda parte. Era o volume 2 da coleção *Poeta, Mostra a Tua Cara*, uma edição cooperativada lançada em 1992, numa iniciativa de Ademir Antonio Bacca.

O volume reunia 30 autores de Bento Gonçalves, de outras cidades do Rio Grande do Sul e também da Bahia, Espírito Santo, Minas Gerais, Paraná, Rio de Janeiro, Santa Catarina e São Paulo. Entre eles, Eno Teodoro Wanke (1929-2001), um dos principais nomes da trova no Brasil, que participou da antologia com o soneto “Apelo” – o soneto em português com maior número de traduções (“160 versões para 95 idiomas e dialetos”), de acordo com resenha escrita em 2008 para o blog *Oceano de Letras* pelo escritor Filemon F. Martins.

No final de 1994, a versão reduzida de “Carnaval” foi incluída em nova obra cooperativada, embora desta vez eu não tenha pedido para participar. Tratava-se de uma agenda poética lançada por uma editora de Porto Alegre. O editor da agenda viu o poema na antologia organizada por Bacca e decidiu incluí-lo, remetendo-me depois um exemplar pelo Correio.

CARNAVAL

Antigamente,
No tempo em que tinha rei e princesa,
O quente era o carnaval de Veneza.
Os grandes bailes dados pelos nobres,
Em que nem por perto podiam passar pobres.

Em geral nesses bailes todos iam mascarados
Mas era preciso redobrar os cuidados
Para evitar o que houve com certo cavalheiro:
Após rodar pelo salão inteiro,
Ia pra casa, mas viu de repente moça tão bela
Que fez tudo pra dançar com ela.
A moça à atração correspondeu e ele, animadão,
Levou-a pra casa, mas aí teve uma decepção:
A moça tão bela, a fogosa mariposa
Era sua própria esposa!

9

Comecei 1990 trabalhando na edição do livro *A Garota no Bar*. Além de concretizar um desejo alimentado já há três anos (quando obstáculos como a burocracia e a falta de patrocínio impediram que o projeto seguisse adiante), parecia ser a coisa mais lógica a se fazer num momento em que pela primeira vez escrevia regularmente para a imprensa e tinha conseguido boas vendas do *Zás-Trás-Puf* nas escolas, ao final do ano anterior.

Mesmo já sendo maior de idade, nem cogitei de usar a Lei Sarney desta vez, embora não recorde exatamente o motivo. Possivelmente a esse tempo ela já não estivesse sendo muito utilizada para financiamento de projetos culturais, o que, creio, foi um dos motivos para ela ser revogada e substituída pela Lei Federal de Incentivo à Cultura (mais conhecida como Lei Rouanet) já em 1991. O processo então foi o mesmo de 1985 e 1987: buscar patrocínio direto junto a empresas de Bento Gonçalves.

Estava eu em meio a essa busca quando foi decretado pelo presidente Fernando Collor de Mello o confisco das poupanças, contas correntes e aplicações financeiras. O confisco fez com que alguns possíveis patrocinadores cancelassem a participação no livro, que acabou saindo com uma tiragem incomum de 387

exemplares, pois não consegui recursos para fazer os 500 de praxe.

Quando lancei o *Zás-Trás-Puf* procurei reunir o melhor que já havia escrito até aquela data. E com *A Garota no Bar* o processo foi exatamente o mesmo (excetuando, logicamente, o que já havia entrado no primeiro livro). Digo isso porque o natural era que, ao preparar o segundo livro, selecionasse apenas textos escritos após a conclusão do primeiro. Não foi exatamente o que aconteceu, já que além das chamadas “histórias”, vasculhei o que produzira para os jornais escolares, de modo que o texto mais antigo a sair em *A Garota no Bar* era de novembro de 1984, escrito para *O Mensageiro*. O mais recente era o já citado “Prospectiva 1990”, de dezembro de 1989. A capa novamente foi feita por Orlikowski.

A Garota no Bar reúne contos, crônicas, poemas, diálogos e um esquete teatral, além de cartuns que já haviam saído n’*O Arauto*, redesenhados (é meu único livro individual a ter desenhos). Uma seleção, portanto, parecida com a do primeiro livro, com a diferença de que *Zás-Trás-Puf* não tinha nem poemas nem cartuns. Lembro que ao menos uma pessoa criticou a variedade de gêneros textuais presentes em *A Garota no Bar*. Respondi-lhe que Luis Fernando Verissimo publicava livros assim, Millôr Fernandes publicava livros assim, Carlos Drummond de Andrade publicava livros assim... Ela possivelmente disse então

algo sobre minha ousadia (ou pretensão?) de estar me comparando a alguns dos mais consagrados autores brasileiros. Não recorro se cheguei a lhe dizer o que já então pensava, e que não mudou: afinal, não é exatamente às pessoas que obtiveram sucesso e que são referência em sua área de atuação que devemos tomar como modelo?

(Episódio semelhante aconteceu em 1998, quando escrevi minha segunda peça, *O que a Gente não Faz por Amor*, que, aliás, tinha um personagem que só falava em versos. Lembro que alguém do meio teatral de Porto Alegre me repreendeu por encher de rubricas detalhadas o texto e respondi que Nelson Rodrigues fazia exatamente o mesmo. A pessoa respondeu, meio chocada, que eu estava me comparando ao maior dramaturgo brasileiro de todos os tempos. Aí lhe perguntei a quem deveria tomar como exemplo: aos que obtiveram sucesso, ou aos que fracassaram?)

O livro ficou pronto no começo de abril de 1990. A preocupação que marcou a busca de patrocínio felizmente não se repetiu em relação às vendas. A tiragem de *A Garota no Bar* se esgotou já no começo do ano seguinte. Além do habitual lançamento na biblioteca pública Castro Alves, fiz inúmeras visitas a escolas, seja para sessões de autógrafos, seja para conversas com estudantes. Destaco o tratamento especial que o livro recebeu no Colégio Aparecida: todas as turmas de 5^a a 8^a série leram previamente o

livro, de forma que quando fui para conversar com os alunos o diálogo sobre a obra foi muito mais rico e proveitoso.

A Garota no Bar encontrou também boa acolhida junto à imprensa da cidade, que noticiou o livro mesmo antes de haver um evento de lançamento agendado. O primeiro jornal a resenhar a obra foi a *Gazeta Em Dia*, com a qual eu colaborara até poucos dias antes do livro sair.

São três os poemas que fazem parte do livro: “Tá Chovendo Lá Fora” e “O Conquistador”, de 1987, e “Prospectiva 1990”, de 1989. Os dois primeiros eram até então inéditos. “O Conquistador” é meu único soneto – ao menos não localizei nem me recorde de nenhum outro.

Você certamente já deve ter ouvido de alguém o conselho de dormir com papel e caneta ao lado da cama, para anotar rapidamente uma ideia que lhe surja quando estiver deitado. Pois foi exatamente o que me aconteceu quando escrevi “O Conquistador”. A ideia me ocorreu quando já me preparava para dormir, e fui anotando o que me vinha à mente, para depois elaborar melhor (atualmente não mantenho mais papel e caneta ao lado da cama, quando uma ideia me ocorre e já estou deitado, anoto no celular).

Os versos revelam a influência da Jovem Guarda, em especial da canção “O Sósia”, de Getúlio Côrtes, lançada por Roberto Carlos em 1967. Quando escrevi o soneto, no final de 1987, havia no Brasil um certo *revival* da Jovem Guarda, um pouco por causa da novela *Bambolê*, de Daniel Más, exibida pela TV Globo às 18h. Este *revival* já me levava a escrever o esquete “Brilhantina”, também incluído em *A Garota no Bar*.

A Jovem Guarda não é a única influência perceptível em “O Conquistador”: busquei a rima ‘folga/ Olga’ no samba “Olga”, de Alberto Ribeiro e Sátiro de Melo, lançado por Vassourinha em 1941.

O CONQUISTADOR

Esse cara não larga
A garota que é meu bem
Mas sua sorte será amarga
Antes que ele conte até cem.

É só eu na casa dela chegar
Para de novo o encontrar.
Ela não o esquece um só momento,
Mesmo sabendo que ele não é bom elemento.

Eu sei que ele ia casar com a Amália,
Mas o assunto foi encerrado
Quando ele engravidou a Natália.

Ele à minha garota só dá folga
Na terça e no sábado
Porque tá paquerando a Olga...

13 de dezembro de 1987

10

Pensei em manter a rotina de escrever aos domingos mesmo não tendo mais o compromisso de entregar um texto inédito toda segunda-feira, mas esta resolução não sobreviveu ao domingo seguinte... De todo modo, um dos poemas daquele começo de 1990 foi escrito, casualmente, num domingo.

Embora não tenha anotado a data em que fiz “25 Anos de Festivais” (possivelmente tenha sido no segundo trimestre), não há chance de erro, pois lembro que assistia o *Domingão do Faustão* quando os primeiros versos me vieram à cabeça. De imediato, desliguei a TV e fui desenvolver a ideia. E não, o poema não tem ligação alguma com o que estava sendo apresentado no programa, foi apenas uma grande coincidência.

“25 Anos de Festivais” fazia uma revisão da chamada Era dos Festivais, a segunda metade da década de 1960, quando através de competições na televisão foram revelados talentos como Caetano Veloso, Chico Buarque, Erasmo Carlos, Geraldo Vandré, Gilberto Gil e Roberto Carlos, cujos sucessos da época menciono. Os “25 anos” do título eram contados a partir da vitória de Elis Regina no festival da TV

Excelsior interpretando “Arrastão” (Edu Lobo - Vinicius de Moraes).

O poema foi publicado pela primeira vez n’*O Arauto*. Não mais *O Arauto* da fase escolar – afinal, pelas condições peculiares de sua produção e circulação, não havia como continuá-lo após ter concluído o 2º grau, no final de 1988 – e sim *O Arauto* completamente reformulado que circulou no segundo semestre de 1991.

Agora quinzenal e com quatro páginas, o jornal passara a ser feito da seguinte forma: eu datilografava os textos e desenhava as charges a nanquim, montando tudo em ambos os lados de uma folha A4 no formato paisagem, e depois fazendo fotocópias dessa matriz na quantidade necessária, além de depois dobrar cópia por cópia. A quantidade de cópias podia ser medida em centenas, já que percorri as escolas de Bento Gonçalves vendendo assinaturas do jornal a estudantes e professores (fora do meio escolar o número de assinantes foi bem pouco expressivo). Nessa última fase, o jornal teve 12 edições.

Ao menos dois poemas saíram n’ *O Arauto* de 1991: um texto de autoria de uma estudante de escola pública (uma das poucas colaborações recebidas, embora em todos os números houvesse chamada para novos talentos) e “25 Anos de Festivais”.

Publiquei-o também no site *Brasileirinho* em 2003 e no blog *Jornalismo Cultural* em 11 de fevereiro de 2014.

25 ANOS DE FESTIVAIS

A banda passa em disparada
Atrás do trio elétrico.
É proibido proibir
A questão de ordem:
Alegria, alegria!

Vão todos no arrastão
Passar o domingo no parque
A roda-viva tá girando, oi girando
Tudo é divino, maravilhoso

Todos vão caminhando
Contra o vento
Sem lenço nem documento
Mas cantando e seguindo a canção

Eram os festivais
Da Globo, Excelsior, Record
Tempos que não voltam mais
Músicas que muitos ainda sabem de cor

Tudo isso já passou
Mas poder lembrar é uma brasa, mora
E que tudo mais vá pro inferno!

11

Quando falei da edição do livro *A Garota no Bar* em 1990, mencionei como o Plano Collor foi decisivo para a obra ter uma incomum tiragem reduzida. Não cheguei a comentar, porém, que pouco tempo depois esse mesmo plano me inspirou o poema “Brasil Novo”.

Assim como “25 Anos de Festivais”, “Brasil Novo” não se destinava a publicação imediata. Hoje, talvez pela prática jornalística – na qual você está sempre escrevendo para publicar em seguida –, me parece um pouco estranho manter um texto inédito, o que na minha cabeça só faz sentido se a ideia é inscrevê-lo num concurso literário, pois alguns editais exigem ineditismo. Quando escrevo um poema e o considero ao menos razoável, já o publico de imediato na internet – com raríssimas exceções.

Nunca tinha parado pra pensar nisso antes de escrever este livro, mas é possível separar minha literatura em três vertentes, sob o aspecto de publicação imediata ou não. A primeira é a escrita espontânea, sem se destinar a publicação (que pode ou não acontecer); fiz isto a partir de 1984, ano de algumas das histórias incluídas no *Zás-Trás-Puf*, por pelo menos dez anos. Um dos últimos contos que lembro de ter escrito relatava o sonho que tive, no

qual era convocado, em meio à disputa da Copa do Mundo de 1994, para ser o terceiro goleiro da Seleção Brasileira, devendo entrar em campo para enfrentar a Holanda. Só em sonho mesmo!

A segunda vertente é a do texto feito especialmente para ser publicado, que em minha obra teve início com minha primeira coluna fixa em 1989 e que abrange tudo o que escrevi para jornal, rádio e internet desde então. E por fim a terceira, a do texto publicado por ter sido escrito, que corresponde à toda minha obra poética pós-2009.

Voltando a 1990: para quem não sabe ou não se lembra, “Brasil Novo” era o nome oficial do pacote econômico anunciado em 16 de março e que ficou mais conhecido como Plano Collor. O poema, além de satirizar o pacote, passava em revista também várias outras das ações iniciais do governo Fernando Collor de Mello.

Embora não tenha conseguido localizar a data, acredito que escrevi este poema em maio. Isto porque um dos fatos citados na última estrofe aconteceu nesse mês, mais exatamente no dia 12: a participação do presidente da República em um treino da Seleção Brasileira, na véspera do amistoso Brasil 3 x 3 Alemanha Oriental, disputado no Maracanã. O muro de Berlim caíra em 9 de novembro de 1989, mas a reunificação das duas Alemanhas – e,

consequentemente, das suas seleções de futebol – só foi concretizada quase um ano depois, em 3 de outubro de 1990.

“Brasil Novo” quase se tornou meu único poema a ser musicado, isto porque o enviei, creio que ainda em 1990, a uma cantora do Rio de Janeiro que montava repertório para gravar um LP. O compositor a quem ela encaminhou o poema chegou a dizer que precisaria fazer algumas alterações para melhor adequação à melodia que tinha em mente. Lembro que isso na época me incomodou um pouco (relevem, eu estava com 18 anos, hoje entendo isto como perfeitamente natural). Já não sei se foi exatamente por essa divergência, mas o fato é que a parceria não avançou e “Brasil Novo” nunca virou música.

O poema então só chegou ao conhecimento do público ao ser incluído no já citado segundo volume da antologia *Poeta, Mostra a Tua Cara*, organizada por Ademir Antonio Bacca. O livro, que também trazia a versão reduzida de “Carnaval”, foi lançado às vésperas do 3º Congresso Brasileiro de Poesia e 3º Encontro Latino-Americano de Casas de Poetas – ambos os eventos, também iniciativas de Bacca, foram realizados em Nova Prata de 30 de abril a 3 de maio de 1992. A partir de 1996, o Congresso passou a ser realizado anualmente em Bento Gonçalves.

Não fui ao 3º Congresso, mas estive nos dois primeiros, também em Nova Prata (cidade gaúcha localizada a 60 quilômetros de Bento Gonçalves). O 1º Congresso aconteceu de 20 a 22 de abril de 1990. A participação no evento me rendeu o convite para retornar a Nova Prata em 8 de agosto para uma sessão de autógrafos de *A Garota no Bar*, que possivelmente tenha sido o evento de maior repercussão ligado a um livro meu em uma cidade onde eu não residia. Foram literalmente horas autografando em uma livraria situada na avenida principal.

O 2º Congresso foi realizado entre 18 e 21 de abril de 1991. Cheguei a fazer uma resenha do evento, que é o único texto que me lembro de ter escrito em prosa e verso, pois começava como crônica e terminava como poema. A resenha saiu no jornal *Semanário* em 27 de abril.

Atuei como repórter deste jornal bento-gonçalvense do final de fevereiro ao começo de junho de 1991. Esta breve passagem teve como principal consequência eu ter me apaixonado pela Fotografia – daquelas paixões que viram profissão. De abril a junho, mantive no *Semanário* minha segunda coluna fixa, sendo a citada resenha o único poema que publiquei no veículo.

BRASIL NOVO

Entra ano, sai ano
Esta é a rotina do brasileiro:
Vem sempre um novo plano
Mexendo com o seu dinheiro.

Sai cruzeiro, entra cruzado
Vai cruzado, volta cruzeiro
O dinheiro fica bloqueado
E alguns só querem “money” estrangeiro.

A inflação será mesmo zero?
Acreditar até que eu quero
Mas como ter confiança
Na caderneta de poupança?

“Jet-ski”, submarino
F-5, treino com a Seleção
Paraquedismo
E livre negociação.

12

Desde a publicação do *Zás-Trás-Puf*, algumas pessoas já me chamavam de *poeta*, mesmo que no livro não houvesse nenhum poema. Creio que isso acontecia porque era muito comum que a maioria dos jovens autores, ao menos naqueles idos de 1985, começasse publicando Poesia.

Só cinco anos depois o epíteto se justificou, pois enfim meus poemas começaram a circular fora do âmbito estudantil. Foi em 1990 que pela primeira vez tive versos publicados em jornal e em livro, além de apresentá-los, lidos por mim mesmo, no rádio, o que, bem sei, pode parecer muito curioso e até estranho para quem está lendo estas *Memórias* agora no século 21.

Também em 1990, comecei a estudar Jornalismo na Unisinos, em São Leopoldo (cidade gaúcha a 98 quilômetros de Bento Gonçalves) e tive meu primeiro texto jornalístico publicado na imprensa: uma nota falando dos preparativos para a conferência ambiental Rio-92 – oficialmente, Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento. Foi uma encomenda do jornal *O Investidor*, pertencente a uma imobiliária.

Pelo meu relato você já concluiu que Bento Gonçalves possuía por essa época um grande número de jornais. O que não mencionei até agora é que lá em casa basicamente só líamos jornais aos domingos (em geral os dois maiores de Porto Alegre: *Correio do Povo* e *Zero Hora*). Também não tivemos televisão até 1987 – e mesmo assim meu padraсто comprou uma porque era a única forma de assistir filmes em videocassete.

Nossa principal janela para o mundo era o rádio – especialmente a Rádio Gaúcha, da capital do estado, que comecei a ouvir na Copa do Mundo de 1982. Foi na Gaúcha, aliás, que falei pela primeira vez em rádio, em 1985, entrevistado pelo apresentador Lauro Quadros a propósito do lançamento do *Zás-Trás-Puf*. Só parei de ouvir a Gaúcha em 2010, quando me mudei para Belém (desde então tenho passado longas temporadas alternadamente entre Belém, Macapá e Maceió).

Por que, então, não buscar atuar no rádio em Bento Gonçalves? Nessa época, havia na cidade apenas três emissoras, todas de um mesmo grupo, a Rede Serrana de Comunicações. Pensei que participar de alguma forma da programação de uma delas poderia me abrir portas futuramente dentro da Rede – afinal, como diz o dito popular, quem não é visto não é lembrado. Mas o que seria este “participar de alguma forma”? Concluí que fazer um comentário diário era uma boa

ideia. Agendei uma reunião com o diretor de Rádio da Rede, Fernando Rachele, em setembro de 1990, e lhe apresentei esta proposta.

Rachele achou interessante e me pediu que gravasse alguns comentários-teste numa fita cassete. Alguns dias depois, retornei com apenas um, falando da Guerra do Golfo, iniciada no mês anterior. Ele na hora mesmo ouviu e aprovou. Dias depois esse teste já foi o meu primeiro comentário a ir ao ar na Rádio Revista, assim que o locutor oficial dessa emissora, Roberto Domingos Enriconi, gravou a vinheta. Ganhei um espaço de até dois minutos, que ia ao ar de segunda a sexta, pouco antes do meio-dia. A Revista era a mais nova emissora da rede, creio que fundada naquele mesmo ano.

Através dos comentários, de certa forma, levei para o meio radiofônico o que já fazia em jornal e livro – um texto com viés bem-humorado, sobre temas em alta no noticiário estadual ou nacional –, sem porém usar personagens. Cheguei a tentar isto na primeira semana mas não fiquei satisfeito com o resultado e descartei a ideia. A partir dali, todo domingo escrevia os comentários que no dia seguinte gravava no estúdio auxiliar da rádio, para serem veiculados de terça até a outra segunda.

Eventualmente, fazia o comentário em versos, sem uma periodicidade definida (digamos que alguns

temas pediam Poesia). Para esta prática, busquei inspiração em Carlos Drummond de Andrade. Já citei Drummond como exemplo ao rebater críticas que recebi por misturar poemas e crônicas em *A Garota no Bar*. Minha referência para ambas as situações – rádio e livro – eram obras como o *O Poder Ultrajovem e mais 79 Textos em Prosa e Verso*, que Drummond lançou em 1972 e que, como o título já revela, reunia tanto crônicas quanto poemas, todos criados para sua coluna no *Jornal do Brasil*. Este período foi o único em que fiz regularmente poemas longos, com 30 versos – longos, claro, a considerar minha obra poética recente, onde predominam os tercetos. Para a rádio, como duravam em média um minuto, eram comentários curtos.

Só consegui localizar um dos comentários em versos, falando do primeiro turno das eleições gerais de 1990. Na época, a votação não era marcada para domingo, então o comentário deve ter ido ao ar no próprio dia do primeiro turno, 3 de outubro. Inclusive é bem possível que este tenha sido meu primeiro comentário-poema, afinal ingressara na emissora em setembro. E com certeza é o mais antigo poema que tenho certeza de ter gravado em áudio – antecipando em 30 anos o podcast do *Rapidola*. Ao sair no site *Brasileirinho*, em outubro de 2004, possivelmente também no dia 3, data do primeiro turno das eleições municipais, ganhou o título de “Eleições”. Além deste, só lembro vagamente de mais um comentário-poema,

uma retrospectiva de 1990, naturalmente irradiado nos últimos dias do ano. Mas creio que houve outros até o comentário sair do ar, em dezembro de 1992.

Aquela ideia de, estando na rádio, ser lembrado para algum projeto que surgisse enfim se concretizou no final de junho de 1991. Fernando Rachele me convidou para produzir o novo radiojornal da Rádio Viva (a líder de audiência na cidade). Nesse mesmo dia lhe propus um programa musical para a Rádio Revista. *MPB Especial*, produzido e apresentado por mim, estreou em 6 de julho e foi ao ar nas tardes de sábado até janeiro de 1992. Já *A Voz dos Distritos*, o radiojornal, teve sua primeira edição em 17 de agosto de 1991 e durou até dezembro de 1993, na faixa do meio-dia dos sábados. Foi o meu maior sucesso em rádio, dando origem a meu terceiro livro, também intitulado *A Voz dos Distritos*. Patrocinado pela própria Rede Serrana e impresso em uma gráfica de Porto Alegre, o livro foi lançado em fevereiro de 1992.

ELEIÇÕES

Hoje é dia de festa democrática
Hoje é dia de eleição.
Vota a classe aristocrática
Vota o mais humilde peão.
Vota analfabeto,
Vota menor de idade
O voto é secreto
No campo e na cidade.

Eleição não é baixaria
Isso não é legal
Eleição se decide na urna
E não na Receita Federal
Assim não se faz política,
Assim a situação fica crítica.

O povo não tem memória?
Tem candidato que acha, mas o povo tem
E lembra da história
De todos os que pedir votos vêm.

O eleitor não se deixa enganar
Por promessas fáceis de falar
E impossíveis de realizar.

Debate é pro candidato dizer o que pensa

E não pra ficar trocando ofensa.
Assim não se faz política,
Assim a situação fica crítica.

13

Meus primeiros poemas do século 21 foram escritos a partir de 2009. Antes deles, o último poema que tenho certeza de haver feito foi a resenha em prosa e verso de 1991. Por que essa pausa tão imensa?

O que aconteceu, de fato, é que aos poucos fui deixando de fazer Literatura. O comentário para a Rádio Revista era um espaço jornalístico de opinião, os eventuais comentários em forma de poema mantinham esta característica. Em jornal, o processo foi semelhante: se em 1991 publiquei crônicas e até poema na coluna do *Semanário*, na passagem seguinte pelo veículo, no primeiro semestre de 1994, escrevia notas comentando assuntos locais; foi minha última coluna fixa em jornal impresso.

Trabalhando e estudando, sobrava pouco tempo para escrever textos que não fossem para o jornal, a rádio ou a faculdade. O resultado é que, embora tenha escrito um que outro conto até o final de 1994, não tinha número suficiente para um novo livro nos moldes de *Zás-Trás-Puf* ou *A Garota no Bar* (no primeiro reuni 33 textos; no segundo, 35). E mesmo que houvesse, em julho de 1994 voltei para Porto Alegre. Hoje, recursos como a internet e a impressão sob demanda possibilitam que você publique seu livro em qualquer lugar, mas há 26 anos fazia muita

diferença você lançar um livro independente numa cidade onde todo mundo lhe conhecia ou em outra para a qual você acabara de se mudar.

De volta à cidade natal, desenhar passou a ser minha principal atividade artística, pela primeira e única vez na vida. Porto Alegre tem forte tradição de imprensa alternativa, com muitos jornais de bairro e universitários, informativos culturais e boletins de sindicatos e associações. Então naquele final de século me dediquei totalmente ao cartum, participando de exposições e publicando em revistas, jornais e livro. Embora me recorde de ter feito cartuns até por volta de 2007, o fato é que o ritmo diminuiu um pouco após eu me formar em Jornalismo pela UFRGS em 2001 e lançar meu primeiro site, o *Brasileirinho*, um ano depois.

Na sequência vieram o site *Jornalismo Cultural* e o blog *Som do Norte*. A nova rotina agora era escrever textos jornalísticos publicados de imediato na internet. Alguns deles foram reunidos em e-books saídos a partir de 2007. Em um deles – *Ouvindo o Nordeste*, de 2008 –, incluí “25 Anos de Festivais”, meu poema com maior número de publicações até hoje.

14

A primeira vez que pensei em ter um site foi por volta de 1999 ou 2000. Quis lançar uma página dedicada a meu trabalho com Fotografia, mas não imaginava que isso na época fosse tão caro: a empresa que procurei para desenvolver o site me pediu R\$ 7.200,00 (valor que, corrigido pela inflação, representaria hoje mais de 23 mil reais)!

Mesmo abandonada na ocasião, esta ideia foi a semente que mais tarde fez germinar todos os espaços denominados *Fabio Gomes Foto e Cinema*: a página no Facebook (criada em julho de 2015), o blog (junho de 2016), o perfil no Instagram (novembro de 2016) e por fim o site (agosto de 2019). Uso este nome também desde, pelo menos, julho de 2016 no canal do YouTube, no ar desde 2007.

Quando você escreve para internet, praticamente não tem custo, principalmente se comparar com a impressão de uma tiragem de livros, e desfruta de uma liberdade que não teria ao colaborar para jornal ou rádio. Mas, em qualquer plataforma onde publicar, terá que pensar na divulgação do seu escrito. Nos anos 1980-90, um escritor basicamente só podia recorrer à imprensa para ter seu livro divulgado. Atualmente, esse trabalho é facilitado pelas redes sociais.

Não existiam redes quando pus meu primeiro site no ar. A única forma de divulgar os novos artigos era através do envio de informativos por e-mail. Em 2005 usei o Orkut para noticiar as atualizações do recém-lançado site *Jornalismo Cultural*.

O blog *Som do Norte* já entrou no ar, quatro anos depois, tendo uma conta no Twitter. Na mesma ocasião, criei lá um perfil pessoal, que inicialmente usava somente para divulgar posts dos meus blogs e sites. Em pouco tempo, o perfil ganhou nova utilidade: foi nesse Twitter pessoal que comecei, ainda em 2009, a publicar os primeiros poemas digitais – ou seja, escritos diretamente na internet, que podem usar (ou não) recursos expressivos possibilitados pelas redes sociais.

Essa retomada da minha obra poética não foi planejada. Acredito que ela tenha acontecido porque, pela primeira vez em décadas (talvez desde o final dos meus jornais escolares, em 1988), tive no Twitter pessoal um espaço verdadeiramente livre. Ao colaborar com jornal e rádio, havia a supervisão dos editores (devo dizer que nunca sofri censura). Já os sites que fazia até então eram sempre jornalísticos e temáticos. Ao passo que no Twitter (e nas redes em que vim a criar perfis pessoais mais tarde), podia publicar o que quisesse quando achasse melhor, e isto em geral se traduzia em pequenos textos – muitos dos

quais, poemas ou frases poéticas. Até arrisco a dizer que a predominância de tercetos em minha obra tenha relação com o limite de 140 caracteres para postagens que o Twitter adotou até 2017.

Demorei para atribuir importância a esta poética digital, já que meu foco na ocasião eram os textos jornalísticos. Mesmo assim, cheguei em julho de 2014 a lançar novo blog, *Apontam Estudos*, uma antologia do que publicava nas redes sociais (poemas inclusos). A repercussão, entretanto, foi escassa.

Fiz nova tentativa de destacar essa produção em maio de 2017, ao criar no blog *Fabio Gomes Foto e Cinema* duas páginas: “Cliques”, destinada a minhas frases sobre Fotografia, e “Papo de Cinema” – creio que o nome seja autoexplicativo o suficiente. Outra vez ninguém tomou conhecimento.

Mesmo assim segui considerando interessante a ideia e iniciei em outubro de 2019 um garimpo dos posts falando de Fotografia, pensando em publicá-los no meu recém-lançado site de fotos (lançamento este que, como vimos, concretizava um sonho de duas décadas!).

Comecei então a ler tudo o que postara no Facebook desde 2011. Em meio à busca, me impressionou muito uma frase que localizei, dita em 2013 pela cantora Adriana Calcanhoto. Incumbida de organizar uma

antologia de Poesia brasileira, ela se queixava das dificuldades que alguns herdeiros de poetas impunham para liberar os direitos autorais. Dedici então começar a gravar vídeos lendo poemas que já estejam em domínio público (ou seja, cujos autores morreram há mais de 70 anos).

Ideia anotada, segui no garimpo, que ao final resultou em dois grupos de frases. O primeiro era de citações de outros fotógrafos – material de algum interesse para redes sociais, mas que entendo não fazer muito sentido no site criado para ser meu portfólio. O outro grupo era composto dos poemas em que falo de Fotografia. Deixara de ser prioridade, porém, aproveitar de imediato o resultado deste garimpo.

O fato é que percebi, durante a busca recém-concluída, ter postado um número muito maior de poemas em redes sociais do que fazia ideia. O que me parecia então mais urgente era empreender novo garimpo, não mais restrito ao Facebook, mas estendido a Twitter, Instagram, Whatsapp e Telegram, a fim de resgatar os poemas que publicara neles ao longo dos dez anos anteriores. Me impressionaram a quantidade, a frequência e a qualidade dos versos encontrados, alguns dos quais aliás nem me lembrava de haver escrito!

Antes mesmo de concluir este novo levantamento, passei a postar no Instagram, a partir de 18 de

novembro de 2019, um vídeo semanal lendo um de meus poemas digitais (série que recebeu o nome de *Rapidola*). Já a ideia surgida a partir do desabafo de Adriana Calcanhoto originou o *Rapidola Clássico*, outra série semanal, cuja primeira temporada foi veiculada originalmente no Instagram de 15 de janeiro a 15 de julho de 2020.

Outro resultado direto desse processo foi o lançamento, em janeiro de 2020, do e-book *Rapidola (um aperitivo)*, uma antologia de poemas acompanhados de fotos que publiquei nos Stories do Instagram entre novembro de 2018 e setembro de 2019.

E o garimpo das frases sobre Fotografia, que fim levou? Acabou resultando na publicação dos “Poemas Fotográficos” na capa do meu site de 4 de setembro a 13 de novembro de 2020.

ÍNDICE DOS POEMAS

Trajetória	5
Tá Chovendo Lá Fora	28
Prospectiva 1990	34
Carnaval	38
O Conquistador	44
25 Anos de Festivais	48
Brasil Novo	53
Eleições	59

O AUTOR



Fabio Gomes (Porto Alegre, RS, 1971), é escritor, jornalista, fotógrafo e cineasta. Antes deste livro, publicou outros dez – dois deles com poemas: *A Garota no Bar* (edição do autor, 1990) e *Rapidola (um aperitivo)* (idem, 2020).

Contato com o autor: gomesfab@gmail.com

Site: <https://fabiogomesfotocinema.com.br/>